

FERREIRA, F. W. **Planejamento sim e não**: um modo de agir num mundo em permanente mudança. Prefácio: Paulo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Alessandra Rodrigues GUIMARÃES

Graduada no Curso de Geografia da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal – FACIP
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

www.facip.ufu.br

Rua 20, n. 1600 - Bairro Tupã, CEP: 38304-402, Ituiutaba – MG.

alessandraufu@gmail.com



Francisco Whitaker Ferreira, foi presidente da Juventude Universitária Católica do Brasil. Atuou no grupo de planejamento do governo de Carvalho Pinto em São Paulo e como diretor de planejamento da reforma agrária no governo de João Goulart. Em seguida, juntou-se ao movimento de oposição à ditadura militar com o golpe militar de 1964. De 1965 a 1966, foi assessor da CNBB no 1º Plano Pastoral de Conjunto. Em 1966, partiu para o exílio fugindo da repressão política no país com a esposa e os quatro filhos. Até seu retorno ao Brasil, em 1981, Whitaker viveu e trabalhou na França e no Chile como pesquisador e orientador para o Comitê Católico Contra a Fome (CCFD), a UNESCO e a CEPAL, dentre outras organizações. De 1982 a 1988 foi assessor da Arquidiocese de São Paulo e da CNBB. É um dos fundadores do MCCE - Movimento de Combate a Corrupção Eleitoral, sendo um dos mentores da Lei 9840 de 1999, Lei de iniciativa popular que cassa candidatos que comprem votos, assim como a Lei da Ficha Limpa.

O livro intitulado como “Planejamento sim e não” do autor Francisco Whitaker Ferreira, trata sobre a temática do planejamento, mostra como devemos estudar, analisar e aplicar as ações que fazem parte do ato de planejar, ou seja, o que os planejadores deveriam fazer antes de colocarem em prática o planejamento em si.

O ato de planejar se baseia principalmente em três pontos, o primeiro é a preparação do plano, o segundo é o acompanhamento da ação, e a terceira é a revisão crítica dos resultados obtidos. A primeira fase do planejamento ocorre antes de começar a ação, a segunda é durante e a terceira fase é após finalizar a ação. Essas três fases devem se seguir

s sucessivamente, pois desta forma ela se caracteriza como um processo, que é ininterrupto, com um começo, meio e fim, dando assim a característica de que a ação está sendo planejada.

As três fases para o ato de planejar é a preparação, re-preparação e revisão da ação. O planejamento gira em torno das decisões a ser tomadas, e dos objetivos a ser cumpridos. É preciso que sejam feitas pesquisas e análises antes de determinar qualquer decisão, posteriormente é necessário que se faça a verificação, já com a ação em curso, em seguida é feita a análise de cada decisão que foi tomada ou corrigida, para ver se o resultado previsto foi obtido com sucesso.

Para que o planejador não se perca durante a execução de toda a ação, é preciso que seja feito o plano da ação, que é a apresentação sistematizada e justificada das decisões relativas à ação a ser tomada. O plano é essencial para a aplicação da ação, pois é neste documento que diz o que irá ser feito, quando, de qual maneira, e por quem será realizado, e desta forma, poderá chegar aos resultados a serem obtidos.

A palavra planejar é de suma importância para quem planeja, pois ela é sinônima de preparar e organizar bem a ação, incluindo a acompanhá-la para confirmar ou corrigir o que foi decidido, e ainda revisá-la e criticar a preparação, depois de terminada a ação.

Assim, se você está realmente interessado em chegar aos objetivos previstos, você não pode, depois de começada a ação, passar a improvisar na solução dos problemas que começam a surgir, na correção das decisões que começam a se mostrar erradas, na consideração de situações inesperadas que sua capacidade de previsão não pôde identificar previamente. (p. 18).

Quando o planejador coloca a ação em prática, é preciso que tudo seja feito com muito cuidado e atenção, pois nem sempre há a possibilidade de verificar os erros antes de eles serem cometidos, por isso que o plano deve ser feito pensado em todos os aspectos, sejam eles positivos ou negativos.

Já com o plano em curso, pode também aparecer situações que seja necessário ter uma outra alternativa para solucionar o problema, introduzindo ações novas que nem haviam sido cogitadas no plano inicial, seja para completar resultados considerados insuficientes, ou seja para fazer frente a efeitos ou reações provocadas pelas ações que já foram realizadas.

O planejador quando efetua o plano não pode transformar este em algo rígido, que não aceita mudanças e transformações, é preciso que haja uma certa disciplina na ação, mas pode ocorrer modificações no decorrer da ação, porque senão o plano vai virar um fim em si mesmo.

Caso o planejador necessite executar a ação antes de finalizar o plano, ele poderia elaborar um pré-plano ou plano provisório para colocar a ação em curso, pois desta forma os projetos não ficariam parados, e no decorrer da ação, o planejador cria o plano, já com todos os elementos que foram analisados.

Durante o planejamento é preciso preparar, tomar, retomar e revisar as decisões relativas à ação na qual está planejando, refletir sobre as decisões dos objetivos da ação, sobre a política para a realização desses objetivos e sobre a organização propriamente dita. Os objetivos são os resultados na qual pretende alcançar, o que pretende obter com a ação; a política é o caminho, o modo pelo qual seria possível realizar esses objetivos; e a organização da ação é a determinação do uso dos meios que serão utilizados para a realização dos objetivos propostos na ação.

Em síntese, podemos perceber que, o autor ao mesmo tempo em que explica o que é o planejamento, ele também faz críticas aos planejadores que fazem os planos sem pensarem nas ações, nos objetivos propostos, e nas etapas a serem seguidas para que tal ação seja realizada. Nesse sentido, podemos perceber que para executar bem um plano, uma ação, e alcançar todos os objetivos propostos, é necessário entender todo o processo, e não somente simplesmente planejar.

Recebido para publicação 11/04/2012

Aceito para publicação 07/05/2012